



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FERNANDO BRAGA
ÁREA: COMUNICAÇÃO SOCIAL

VEJA: QUE JORNALISMO É ESSE?
Cobertura da revista Veja durante a crise do senador Renan Calheiros

ALUIZIO DELLA PASQUA HAMANN
RA: 20314211

BRASÍLIA
Outubro de 2007

ALUIZIO DELLA PASQUA HAMANN

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do curso de bacharelado
em Comunicação Social – Jornalismo do
Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB. Orientador: Fernando Braga

BRASÍLIA

Outubro de 2007

ALUIZIO DELLA PASQUA HAMANN

VEJA: QUE JORNALISMO É ESSE?

Cobertura da revista Veja durante a crise do senador Renan Calheiros

Banca Examinadora:

Professor Fernando Braga
(Orientador)

Professora Mônica Prado
(Examinadora)

Professor Beto Rocha
(Examinador)

BRASÍLIA
Outubro de 2007

Agradeço a todos que apoiaram e incentivaram meus trabalhos ao longo do curso. Foram muito importantes para o meu crescimento, tanto pessoal quanto acadêmico.

RESUMO

O estudo procurou compreender a forma como a revista *Veja* abordou a crise vivenciada pelo senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal, entre maio e setembro de 2007. Para isso, foram utilizadas ferramentas da Análise de Conteúdo (AC) em conjunto com análise semiológica. Foram selecionadas, seguindo critérios da Análise de Conteúdo quantitativa, cinco edições do periódico para serem estudadas. As edições escolhidas foram as que o presidente do Senado foi o assunto principal. Com o estudo, também foi possível compreender o jogo político vivenciado diariamente no Senado Federal e como parlamentares reagem às informações veiculadas pela imprensa.

Palavras-chave: Renan Calheiros, Revista *Veja*, Análise de conteúdo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – REVISTA VEJA	9
1.1 HISTÓRIA DO PERIÓDICO	9
1.2 ESTRUTURA DA REVISTA.....	10
1.3 TIRAGEM E PÚBLICO	11
1.4 GRUPO ABRIL	11
CAPÍTULO II – RENAN CALHEIROS.....	13
CAPÍTULO III – A CRISE NO SENADO.....	15
3.1 OPERAÇÃO NAVALHA.....	15
3.2 RENAN CALHEIROS ENTRA EM CENA.....	15
CAPÍTULO IV – COBERTURA DA REVISTA VEJA	29
BIBLIOGRAFIA	47
ANEXOS	48

INTRODUÇÃO

O presidente do Senado, Renan Calheiros, foi envolvido em uma série de denúncias, que vão desde o pagamento de despesas pessoais com dinheiro de origem desconhecida e chantagens ao uso de laranjas na compra de veículos de comunicação. Tais denúncias provocaram uma crise sem precedentes na Casa. Quando o escândalo começou, percebi o nascimento de um objeto de estudo muito interessante.

Em novembro de 2007, fui convidado para fazer estágio na comunicação da presidência do Senado Federal, onde trabalhei com a assessoria de imprensa de Renan Calheiros.

A revista *Veja* foi responsável por trazer as primeiras denúncias à sociedade, por isso escolhi analisar a forma como este veículo apresentou as notícias.

O estudo trabalha com a hipótese que a maior revista do país, *Veja*, que trouxe o caso à tona, não seguiu o princípio de imparcialidade ao fazer a cobertura. Foi percebida a intenção de convencer os leitores que Renan Calheiros estaria envolvido em uma série de escândalos políticos, divulgados ao longo das edições entre maio e setembro. Como será demonstrado no trabalho, as matérias foram escritas de forma a induzir os leitores a acreditar que não existiria possibilidade de defesa.

Com o uso da Análise de Conteúdo, o material foi selecionado e analisado. A escolha do corpus foi feita baseada nos fundamentos descritos por Jorge Duarte e Antonio Barros. A AC se mostrou a melhor metodologia para direcionar o estudo, pois permite a inferência e a integração com os fundamentos da semiótica.

Muitas informações utilizadas neste trabalho não foram retiradas de livros, revistas nem jornais, mas foram vivenciadas pelo autor no dia a dia do trabalho de assessoria. Essa proximidade com o caso foi um dos motivos que me levou a escolher o tema para a produção deste trabalho.

O estudo está dividido em quatro capítulos. O primeiro fala sobre a revista *Veja* e a Editora Abril, responsável pelo semanário. Neste capítulo são

encontrados dados sobre sua origem e história, além de números sobre seu alcance e tiragem. O capítulo seguinte resgata a história de Renan Calheiros, com o objetivo de apresentá-lo ao leitor. O capítulo três conta a história da crise entre os meses de maio e setembro, para que o leitor compreenda o contexto do escândalo coberto pelo periódico. A crise é narrada do princípio, com explicações, inclusive, sobre sua origem ao fim da tramitação da primeira representação, quando o plenário do Senado decidiu não cassar Renan Calheiros. O capítulo posterior apresenta a parte metodológica da pesquisa. Este capítulo foi dividido em duas partes principais: a primeira é sobre a análise semiológica das capas em que Calheiros foi o assunto principal, com o objetivo de esclarecer mensagens implícitas no conteúdo visual. A segunda parte mostra a análise da parte lingüística das edições estudadas. Por fim, a conclusão do estudo apresenta os resultados encontrados.

A pesquisa se mostrou relevante por permitir a análise da forma de grandes veículos, como a revista em questão, trabalharem. O estudo também foi interessante por se tratar da cobertura da maior crise política da história do Senado Federal, que tive oportunidade de acompanhar de perto.

CAPÍTULO I – REVISTA VEJA

1.1 História do periódico

Em 1967, o jornalista Mino Carta foi chamado por Victor Civita para criar uma revista semanal de informações, a Veja. Antes do lançamento, em setembro de 1968, a Editora Abril, organizou um curso de formação profissional com o objetivo de preparar a equipe e foram produzidos 14 números zero. Era uma espécie de teste para a criação prática da revista.

A Veja foi inspirada na Time, criada em 1922, nos Estados Unidos da América, por Henry Luce. Foi a primeira revista brasileira nesse estilo. Na época da criação, as principais revistas do país eram semanais ilustrados, com muitas fotos e poucos textos. Quando os Civita resolveram criar o semanário, decidiram por seguir uma linha editorial totalmente oposta à encontrada no Brasil, “a Veja teria de ser um newsmagazine semanal”¹.

Em 13 de dezembro de 1968, entrou em vigor o Ato Institucional número 5, o AI5, editado por Arthur da Costa e Silva, presidente-militar. O AI5 revogou dispositivos constitucionais de 1967 e reforçou medidas do regime militar. O contexto político em que a Veja nasceu foi fundamental para sua história, que, desde sua criação, envolve denúncias e críticas.

A edição de lançamento teve tiragem de aproximadamente 700 mil exemplares. A segunda edição teve 500mil e cerca de três meses depois a média era de aproximadamente 20 mil exemplares, sendo que a tiragem de algumas edições não passava de 16 mil. Naquela época não era possível assinar a revista, apenas comprá-la em bancas. Com essa queda da tiragem, os anunciantes

¹ Mino Carta – entrevista publicada no livro Eles mudaram a imprensa – pág. 185 (Organizador)

recuaram, trazendo problemas financeiros à revista. Em 1975 a dívida chegava à casa de 50 milhões de dólares².

Esses números demonstraram que havia falhas editoriais na revista. Para Roberto Civita, Filho de Victor Civita, a Veja “tinha texto demais. O texto era difícil de ler. Era feia visualmente e tinha problemas de execução técnica”³. A situação piorou com o AI5. Na semana em que foi decretado, a veja começou a ser censurada. Para evitar problemas com censores, a revista passou por diversas inovações, que acabaram fortalecendo o semanário.

Com sete anos de idade, a Veja se tornou o destaque do mercado brasileiro, anteriormente ocupado pela revista Realidade, e assim se tornou o principal produto da Editora Abril. No começo da década de 80, a revista já alcançava 500 mil edições de tiragem em algumas edições. As pautas que mais fortaleceram a Veja foram a cobertura das eleições, planos econômicos e a campanha das Diretas, em 1984.

1.2 Estrutura da revista

Para alcançar tal patamar, a revista foi dividida em editoriais, que atualmente são: Brasil, Internacional, Economia e Negócios, Artes e espetáculos, Educação, Saúde, Estilo, Moda e comportamento, entre outras. Ainda existem seções como a *Radar*, produzida a partir de notas exclusivas; *Veja essa*, com as principais frases da semana; *Gente*, uma espécie de coluna social; além das cartas dos leitores, encontradas na seção Cartas.

A capa da revista é normalmente composta por uma foto, foto montagem ou ilustração, além da chamada para a matéria principal. Em grande parte das edições, também estão na capa a segunda e a terceira chamada, para matérias importantes da edição.

² Mino Carta – entrevista publicada no livro Eles mudaram a imprensa – pág. 185 (Organizador)

³ Mino Carta – entrevista publicada no livro Eles mudaram a imprensa – pág. 185 (Organizador)

O índice da revista apresenta o título das matérias nas seções específicas, com as respectivas páginas. As seções variam de forma e tamanho de acordo com as pautas da semana.

O editorial é chamado de *Carta ao leitor* e apresenta a opinião da revista. Normalmente essa opinião é sobre um dos destaques da edição ou está diretamente relacionado ao assunto. Em alguns casos o editorial diz respeito a algum assunto trabalhado em edições anteriores.

A revista conta com uma entrevista principal em cada edição. São as famosas páginas amarelas da Veja. Normalmente os entrevistados estão ligados a assuntos de grande relevância no momento, geralmente políticos, economistas, filósofos e cientistas.

A seção *Cartas do leitor* é o local onde são publicadas as opiniões de leitores, que as encaminham por carta ou e-mail. O assunto é sempre alguma matéria da edição anterior. Nesta seção também são apresentados os números relativos à leitura das principais matérias da edição passada.

1.3 Tiragem e público

A Veja, com seu conteúdo baseado em informação jornalística, é o semanário de maior vendagem no Brasil. Atualmente, a revista é a quarta maior do mundo, com uma tiragem média de 1.200.000 exemplares, ficando atrás apenas da Time, Newsweek, e U.S. News and World Report.

O público alvo da revista são as classes A e B da população brasileira e conta com aproximadamente 920mil assinantes. Cada exemplar da revista é lido por seis pessoas, em média, sendo que pouco mais da metade é do sexo feminino. (GRUPO ABRIL, 2006)

1.4 Grupo Abril

A história da Editora Abril começou no final da década de 40, quando Victor Civita, nascido nos Estados Unidos da América e criado na Itália, chegou a São Paulo. Civita chegou ao Brasil com os direitos de reprodução dos quadrinhos da

Walt Disney no Brasil. Na seqüência, produziu fotonovelas e revistas especializadas. O capital proveniente dessas publicações ajudou a firmar a Abril como o mais forte grupo editorial do país.

O Grupo Abril edita, além da *Veja*, mais de 350 publicações, que alcançam aproximadamente 23 milhões de leitores. Entre suas publicações, estão revistas como Quatro Rodas, Nova, Placar, Casa Claudia, Playboy, e Tititi, atendendo então homens e mulheres de diferentes faixas etárias, camadas sociais e com diferentes níveis de escolaridade.

A editora também comanda as editoras Scipione e Ática, responsáveis por 30% do mercado brasileiro de livros escolares. Além disso, a Abril mantém negócios no mundo virtual, através de aproximadamente 50 sítios na Internet.

De acordo com o último balanço financeiro publicado pelo grupo, a revista *Veja* é responsável por mais de 45% da receita líquida da Editora Abril.

CAPÍTULO II – RENAN CALHEIROS

Filho primogênito do Major Olavo Calheiros Novais e Ivanilda Vasconcelos Calheiros, José Renan Vasconcelos Calheiros nasceu em 16 de setembro de 1955, em Murici, Alagoas. É casado com a artista plástica Verônica Calheiros e pai de quatro filhos, sendo uma fora do casamento, com a jornalista Mônica Veloso.

Aos 18 anos, o atual presidente do Senado Federal e, por consequência, do Congresso Nacional, foi para Maceió estudar. É formado no curso de Direito pela Universidade Federal de Alagoas, onde começou sua vida política, no movimento estudantil⁴.

Em 1978, enquanto ainda freqüentava a faculdade, foi eleito deputado estadual. Em 1982, Renan, como prefere ser chamado pela imprensa, foi eleito deputado federal. Em 1990, no governo de Fernando Collor, já era líder do governo na Câmara dos Deputados e porta-voz do ex-presidente. O rompimento entre os dois aconteceu durante a campanha eleitoral de 1990, quando Renan perdeu a disputa pelo governo do estado de Alagoas para Geraldo Bulhões⁵.

O primeiro mandato de senador começou em 1994. Entre 1998 e 1999, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, Calheiros foi ministro da Justiça. Seu atual mandato de senador começou em 2002 e em 2005 elegeu-se presidente da Casa, com os votos de 51 dos 81 senadores. O senador tem dois irmãos no Congresso: os deputados Olavo Calheiros e Renildo Calheiros.

Antes de assumir a presidência do Senado, foi líder do PMDB na Casa. Durante esse período, ele e José Sarney foram conhecidos como os interlocutores do Partido com o Palácio do Planalto.

Renan é conhecido no Congresso como grande articulador, fruto de seu bom relacionamento com a maioria dos integrantes do Senado. Seu partido, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, tem a maior bancada na Casa, com 20 senadores, um dos motivos que faz de Renan Calheiros um importante

⁴ Revista Alagoas especial - data

⁵ Arquivo interno da assessoria de comunicação da presidência do Senado Federal

interlocutor do partido junto ao Governo Federal. Apesar de ser aliado do Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, Renan Calheiros também tem bom relacionamento com a oposição.

Antes de Renan, dois alagoanos chegaram a Presidência do Senado: Visconde de Sinimbu, durante o Império, quando os senadores eram nomeados pelo imperador e Floriano Peixoto, uma vez que, na época, o vice-presidente da República acumulava a função de presidente do Senado.

Entre as suas principais propostas, estão a autoria da resolução que convocou o referendo sobre a proibição do comércio de armas de fogo e da proposição que tornou facultativo o voto aos 16 anos. Além disso, relatou a proposta responsável pela criação do programa Bolsa-Família.

CAPÍTULO III – A CRISE NO SENADO

3.1 Operação Navalha

A Polícia Federal realizou, nos primeiros meses de 2007, uma operação chamada Navalha. A ação policial mostrou que um paraibano chamado Zuleido Veras, dono da construtora Gautama, injetava dinheiro nas campanhas políticas de seus aliados em vários estados do Brasil. Em troca disso, era contratado para realizar obras de grande porte, que não saiam do papel. Somadas, as obras públicas da Gautama ultrapassam a quantia de R\$ 1,5 bilhão. O dinheiro saía dos cofres públicos, ia para a Gautama e era direcionado para políticos envolvidos no esquema. O Tribunal de Contas da União registra 30 processos contra Zuleido Veras por superfaturamento e não realização de obras⁶.

3.2 Renan Calheiros entra em cena

A Operação Navalha revelou que um dos políticos que mantêm ligação com o empreiteiro é o senador Renan Calheiros, presidente do Senado. A revista *Veja* informou que o presidente da Casa afirmou que os dois se conhecem há aproximadamente 30 anos e Zuleido até freqüentava sua casa.

Renan Calheiros mantém contato com outra pessoa considerada suspeita: Cláudio Gontijo, lobista da construtora Mendes Júnior. O trabalho do lobista consiste em defender os interesses da empresa junto ao governo. A empresa também trabalha com a realização de obras de grande porte, tais como a construção de aeroportos, estradas e linhas de transmissão de energia⁷.

A revista *Veja* de 30 de maio publicou uma reportagem intitulada *O senador e o lobista*, assinada pelo jornalista Policarpo Júnior. De acordo com a matéria, Renan Calheiros utilizava recursos da empreiteira Mendes Júnior, através do lobista Cláudio Gontijo, para pagar a pensão à jornalista Mônica Veloso, com quem o senador tem uma filha de três anos chamada Maria Catarina.

⁶ Revista *Veja* – 23/05/2007

⁷ Revista *Veja* – 30/05/2007

Segundo o semanário, Gontijo seria o responsável por pagar à Mônica o aluguel da residência onde mora a jornalista mora com a filha, no valor de R\$ 4,500 e a pensão mensal de R\$ 12 mil para gastos com Maria Catarina.

Ainda no dia 26, Renan divulgou uma nota à imprensa onde afirmou que nunca recebeu dinheiro ilícito de qualquer empresa ou empresário. No dia 28 de maio, o senador Renan Calheiros utilizou a cadeira de presidente para discursar em sua defesa. O presidente do Senado assumiu publicamente a filha com Mônica Veloso e a amizade com Cláudio Gontijo, o lobista. Renan afirmou que Gontijo apenas fazia a “interlocução entre as partes, uma vez que também tinha amizade com a mãe da criança” e que a intervenção de Cláudio Gontijo seria para evitar expor sua relação extraconjugal com a jornalista. Junto com o discurso, Calheiros apresentou uma série de documentos que comprovariam a origem do dinheiro. Renan Calheiros disse que prestou assistência à jornalista, desde a gestação, antes de fevereiro de 2006, de aproximadamente R\$ 8 mil, até o reconhecimento da paternidade. Por fim, o senador afirmou que pagou o aluguel de uma casa, entre março de 2004 e março de 2005 e bancou o aluguel de um apartamento entre março e novembro de 2005.

O advogado de Renan Calheiros, Eduardo Ferrão, apresentou outros documentos, como cópias de extratos bancários e declarações do Imposto de Renda do presidente do Senado, que, segundo o advogado, fazem parte de um processo que corre em segredo de Justiça na Vara de Família, mas foram entregues à Corregedoria da Casa para comprovar as afirmações de Renan.

Em 29 de maio, o Partido Socialismo e Liberdade, PSOL, protocolou uma representação para que o Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado Federal investigasse as denúncias veiculadas pela Veja contra Renan Calheiros. O documento continha trechos de matérias jornalísticas com acusações contra Renan Calheiros.

No dia 30 de maio, o Conselho de Ética, que até então não estava devidamente formado, realizou sua primeira reunião, com o objetivo de eleger o presidente e o vice-presidente do colegiado. O regimento interno do Senado

define que o Conselho de Ética é formado por 30 senadores, sendo metade titulares e metade suplentes.

Foram eleitos os senadores Siba Machado (PT-AC) e Adelmir Santana (DEM-DF), respectivamente, para os cargos de presidente e vice-presidente do Conselho de Ética para o biênio 2007-2008, além do corregedor do Senado, Romeu Tuma, que também faz parte do colegiado.

O dia 31 de maio foi marcado pelo despacho da representação protocolada pelo PSOL que solicitou a abertura do processo para investigar as denúncias das supostas ligações de Renan Calheiros com as empreiteiras. O despacho foi feito pelo próprio presidente do Senado.

Pouco antes, o senador Sibá Machado (PT-AC), presidente do conselho, havia informado ter remetido a representação, inicialmente protocolada na Corregedoria, à Mesa, para obedecer aos devidos trâmites regimentais. Na ocasião, o senador Pedro Simon (PMDB) demonstrou estranhamento com o envio da representação à Mesa e chegou a sugerir que mais apropriado seria que o presidente Renan se licenciasse durante o julgamento da questão⁸.

O PSOL protocolou a representação diretamente na secretaria do Conselho de Ética, quando deveria tê-lo feito junto à Secretaria-Geral da Mesa. De acordo com o artigo 14 do Código de Ética e Decoro Parlamentar (RE 20/93), qualquer representação contra senador feita por partido político "será inicialmente encaminhada, pela Mesa, ao Conselho de Ética e Decoro Parlamentar". Segundo informações da Secretaria-Geral da Mesa, a representação deverá ser remetida oficialmente ao órgão para que este a encaminhe oficialmente ao Conselho de Ética⁹.

Em 5 de junho, o corregedor do Senado, Romeu Tuma, recebeu dois peritos do Instituto Nacional de Criminalística para orientá-lo com a documentação da contabilidade entregue pelo advogado de Renan Calheiros.

No dia 6 de junho, o presidente do Conselho de Ética, Siba Machado, nomeou o senador Eptácio Cafeteira (PTB-MA) para ser o relator da

⁸ Agência Senado - <http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=63788&codAplicativo=2¶metros=mesa> – Acesso em 07/10/2007

⁹ Jornal AC 24 horas - http://www.ac24horas.com/index.php?option=com_content&task=view&id=3181&Itemid=35
Acesso em 07/10/2007

representação encaminhada pelo PSOL, que pedia que o Conselho investigasse relações do senador Renan Calheiros.

Em 11 de junho, o senador Eptácio Cafeteira, relator da representação sobre a suposta quebra de decoro parlamentar do senador Renan Calheiros, e os membros do Conselho de Ética receberam cópias dos documentos encaminhados ao corregedor a Casa, Romeu Tuma. A entrega antecipada (Renan teria cinco sessões plenárias como prazo) foi feita pelo advogado do presidente do Senado, Eduardo Ferrão, ao relator do processo, Eptácio Cafeteira.

Já no dia 13 de junho, o relator do processo, Eptácio Cafeteira, pediu o arquivamento do caso, mesmo sem ouvir todos os envolvidos. Cafeteira alegou absoluta ausência ou indício mínimo de provas¹⁰.

Eptácio Cafeteira, então relator do processo, apresentou, no dia 18 de junho, um atestado médico que afirmava que deveria afastar-se da Casa por dez dias. O atestado dizia que o senador teve síncope, com súbita perda de consciência¹¹. Houve muita especulação sobre a veracidade da moléstia. O dia 18 também foi marcado pelo depoimento do advogado da jornalista Mônica Veloso, Pedro Calmon Mendes. A Agência Senado divulgou que “Pedro Calmon Mendes, advogado da jornalista Mônica Veloso, leu um termo de declaração escrito por sua cliente no qual ela nega que tenha chantageado o senador Renan Calheiros (PMDB-AL)”¹².

No dia 20 de junho, o senador Wellington Salgado (PMDB-MG) assumiu a relatoria. De acordo com o regimento interno do Senado, o parecer de Cafeteira não poderia ser alterado, pois já estava em fase de votação. Com isso, Wellington Salgado, relator e aliado de Renan Calheiros, pediu arquivamento do caso, alegando falta de provas. Salgado ainda anunciou que se o caso não terminasse naquele dia, renunciaria ao cargo. A oposição obviamente criticou a decisão e

¹⁰ Agência Senado - <http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=64022&codAplicativo=2>
Acesso em 07/10/2007

¹¹ Agência Senado - <http://www.senado.gov.br/Agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=64124&codAplicativo=2>
[aaa](#)

¹² Agência Senado - <http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=64139&codAplicativo=2¶metros=pedro> Acesso em 07/10/2007

pediu vista do processo, o que adiou o parecer final. Salgado cumpriu o prometido, abandonando o cargo e deixou o caso sem relator. Wellington Salgado é réu em um processo que questiona a legitimidade da cessão de um terreno da Companhia de Escolas da Comunidade (CNEC), em Goiânia, à Universo, faculdade que pertence à família do senador. Na época do início do processo, Renan Calheiros era o presidente da Companhia.

Nesse dia, Renan enviou cópias de cheques aos integrantes do Conselho de Ética. O objetivo era comprovar que houve um pequeno erro de digitação nos recibos e provar que não houve duplicidade de cheques, conforme apontado pela oposição.

No dia 26 de junho foi a vez do então presidente do Conselho de Ética, Siba Machado, renunciar.

O senador Sibá Machado (PT-AC) apontou a "falta de compartilhamento" da responsabilidade pela tomada de decisões importantes, como a escolha do relator do processo contra o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), como uma das razões que o levaram a renunciar à presidência do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar. (...) Siba apontou também, entre suas razões para desistir da presidência do Conselho de Ética, a "incompreensão, por parte da oposição, da condução dos trabalhos". Além disso, ele considerou que o processo contra Renan foi "contaminado por interesses que extrapolaram o objeto da representação encaminhada pelo PSOL". O senador ressaltou ainda o seu empenho na condução correta do processo a fim de que as decisões do conselho tivessem credibilidade. Ele mencionou, nesse sentido, o seu empenho para que os documentos apresentados por Renan fossem periciados por órgãos competentes e também a sua concordância com o aprofundamento das investigações, o que não teria sido possível até o momento devido a renúncia do relator.¹³

Além da presidência, o senador renunciou à condição de membro do Conselho de Ética. Em seu lugar, assumiu o vice-presidente, senador Adelmir Santana. A vaga de Siba no Conselho foi ocupada pela senadora Fátima Cleide (PT-RO), A do senador Valter Pereira (PMDB-MS), que também renunciou à vaga no colegiado, foi assumida pelo senador Almeida Lima (PMDB-SE), outro

¹³ AGÊNCIA SENADO - <http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=64408&codAplicativo=2¶metros=sib%c3%a1> Acesso 07/10/2007

importante aliado de Renan Calheiros. O PSDB trocou as posições dos senadores Arthur Virgílio e Marisa Serrano (PSDB-MS), com isso, o senador tornou-se titular e a senadora suplente no Conselho de Ética¹⁴.

No dia 27, foi feita a eleição do novo presidente do Conselho de Ética e o escolhido foi o senador Leomar Quintanilha (PMDB-TO)¹⁵. Neste dia, o senador Almeida Lima, novo integrante do colegiado, acusou o advogado de Mônica Veloso, Pedro Calmon Mendes, de mentir para o Conselho, pois o ele negou que existisse um dossiê com gravações de conversas entre sua cliente e Cláudio Gontijo¹⁶. No mesmo dia, Pedro Calmon entregou ao Conselho de Ética alguns CDs com gravações e degravações de conversas entre a jornalista com Renan e com Gontijo. O advogado pretendia comprovar as relações entre o empreiteiro e Calheiros. De acordo com o advogado, Mônica gravou as conversas porque sofreu ameaças anônimas e porque temia que a paternidade da Maria Catarina não fosse reconhecida pelo presidente do Senado¹⁷.

Na segunda-feira seguinte, dia 2 de julho, a documentação referente ao caso foi encaminhada à Secretaria Geral da Mesa para os problemas de tramitação fossem resolvidos.

De acordo com a assessora legislativa do Senado, Cláudia Fernandes, “O regimento interno do Senado prevê que representações por quebra de decoro poderão ser feitas, entre outros agentes, por um partido político, que deverá entregá-la à mesa diretora, que decidira se encaminha ou não ao Conselho de Ética. A primeira representação, feita pelo PSOL, foi encaminhada diretamente ao conselho. Quando o processo finalmente chegou à Mesa, o presidente do órgão e do Senado, Renan Calheiros, aceitou o processo sem consultar o restante dos

¹⁴ Diário do Senado Federal – 27/06/2007:
<http://www.senado.gov.br/sf/publicacoes/diarios/pdf/sf/2007/06/27062007.pdf> -
Acesso em 07/10/2007

¹⁵ Agência Senado -
http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=64436&codAplicativo=2¶metro_s=leomar Acesso em 07/10/2007

¹⁶ Agência Senado -
<http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=64429&codAplicativo=2>
Acesso em 07/10/2007

¹⁷ Agência Senado -
http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=64433&codAplicativo=2¶metro_s=paternidade Acesso em 07/10/2007

membros. Ao perceber a falha, a Secretaria Geral da Mesa divulgou um parecer que contestava o procedimento. Com isso, o processo teve que voltar à Mesa para ser aprovado pela comissão, dando continuidade à tramitação, e só então retomar os trabalhos”. Isso criou uma atmosfera de tensão na casa, pois deu a entender que Renan Calheiros utilizou a falha regimental propositalmente, com o objetivo de ganhar tempo. Caso a tramitação do processo não fosse corrigida, o mesmo poderia ser anulado após o término dos trabalhos.

Em 3 de julho, a Mesa do Senado devolveu o processo ao Conselho de Ética. No dia seguinte, o novo presidente do colegiado, Leomar Quintanilha, anunciou que a representação teria três relatores e não apenas um. O presidente pediu aos líderes partidários que fizessem a escolha. Ao final, foram indicados os senadores Renato Casagrande (PSB-ES), Marisa Serrano (PSDB-MS) e Almeida Lima (PMDB-SE). Ainda no dia 4 de julho, Renan Calheiros afirmou que os setores da mídia que tentaram derrubar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e não conseguiram, estavam tentando fazer um terceiro turno para derrubar o presidente do Congresso. Começava aí mais do que um conflito entre políticos: mas sim uma guerra entre parlamentares e a mídia, onde os principais inimigos eram o presidente do Congresso, Renan Calheiros, e a revista Veja.

Em 5 de julho, Leomar Quintanilha afirmou que assim que a Polícia Federal recebesse toda a documentação necessária, levaria 20 dias para terminar a perícia, o que só aconteceria depois do recesso de julho.

No dia 9 de julho, os três relatores do processo e o presidente do Conselho de Ética se reuniram com agentes da Polícia Federal para elaborar uma lista com os itens que precisavam ser esclarecidos.

Para a finalização do processo, o presidente do Senado deverá apresentar livros-caixa de suas propriedades rurais, talonários de origem de notas fiscais, ficha cadastral do rebanho dos anos de 2003 a 2006 (por propriedade), Guias de Transporte Animal (GTAs) referentes às vendas de gado ocorridas no período, recibo da nota fiscal com atesto de recebimento pelo comprador e notas fiscais de eventuais compras de gado que tenham ocorrido no período. Também serão solicitados documentos à Secretaria de Agricultura e Agência de Defesa e Inspeção Agropecuária de Alagoas, à Delegacia Regional do Ministério da Agricultura e à Secretaria da Fazenda de Alagoas. Os

compradores das reses do senador Renan também serão instados a fornecer documentos que comprovem as aquisições¹⁸.

Em 10 de julho, foi divulgado o texto da petição que Renan Calheiros enviou ao procurador-geral da República, Antônio Fernando de Souza. O documento solicitava a perícia dos papéis de sua defesa, já que o Conselho de Ética não tem poderes investigatórios e não poderia pedir que a Polícia Federal fizesse a perícia nos documentos.

A revista Veja de 11 de julho trouxe uma nova denúncia contra o presidente do Senado.

Veja encontrou outro negócio no qual os Calheiros merecem medalha de outro. Trata-se de uma fábrica de tubaína, construída em 2003, que, nas avaliações mais otimistas, vale menos de 10 milhões de reais. Em maio do ano passado, porém, os Calheiros conseguiram vendê-la à Schincariol, a segunda maior cervejaria do país, por 27 milhões de reais¹⁹.

O periódico afirma que Renan Calheiros teria beneficiado a Schincariol após a aquisição de uma indústria de seu irmão, deputado Olavo Calheiros (PMDB-AL).

O Conselho de Ética foi questionado sobre a possibilidade de incluir a nova denúncia nas investigações. Posteriormente, ficou decidido que uma nova representação deveria ser feita, pois a inclusão acabaria atrasando mais ainda o processo.

Durante o recesso parlamentar, em 25 de julho, a Secretaria Geral da Mesa recebeu da Secretaria Estadual da Fazenda de Alagoas e de pessoas físicas as notas fiscais e cópias da documentação, como Guias de Transporte Animal, a respeito das transações realizadas pelo presidente do Senado. Os documentos recebidos pela Casa foram encaminhados ao Instituto de Criminalística da Polícia Federal para que fossem analisados²⁰.

¹⁸ Agência Senado - <http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=64752&codAplicativo=2¶metro=s=lista> Acesso em 07/10/2007

¹⁹ Revista Veja - 11/06/2007

²⁰ Agência Senado - <http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=64977&codAplicativo=2¶metro=s=mesa> Acesso em 07/10/2007

Já em agosto, no dia 1º, o PSOL protocolou na Secretaria Geral da Mesa do Senado a nova representação contra Renan Calheiros. O partido pediu que fossem investigadas as relações dos Calheiros com a cervejaria Schincariol. A nova representação deveria avaliar indícios de crime contra a administração pública, tráfico de influência, intermediação de interesse privado, exploração de prestígio e abuso de prerrogativas asseguradas aos parlamentares. A cervejaria ainda foi apontada como a principal financiadora da campanha dos deputados Olavo e Renildo Calheiros²¹.

Em 8 de agosto, mais denúncias contra Renan Calheiros foram apresentadas pela revista veja.

Além de pecuarista, Renan é um empresário emergente do ramo das comunicações. Ele é dono de duas emissoras de rádio em Alagoas que valem cerca de 2,5 milhões de reais e, até dois anos atrás, foi sócio de um jornal diário cujo valor é de 3 milhões. Pouca gente em Alagoas conhece essas atividades do senador. E por uma razão elementar: Os negócios são clandestinos, irregulares, forjados de modo a manter o anonimato dos envolvidos. Para que isso fosse possível, a compra das emissoras de rádio e do jornal foi colocada em nome de laranjas, formalizada por meio de contrators de gaveta e paga com dinheiro vivo – às vezes em dólares, às vezes em reais. Tudo feito à margem da lei, com recursos de origem desconhecida. (FONTE: REVISTA VEJA DE 8 DE AGOSTO. PÁG. 60)

Com isso, o presidente do Senado, Renan Calheiros, enviou uma carta aos demais senadores rebatendo as últimas acusações da revista Veja. Na carta, Renan afirmou que “é nítido o propósito da revista de manter aceso, artificialmente, o pseudo-escândalo por ela mesmo criado”.

A Mesa do Senado decidiu encaminhar a representação sobre a cervejaria Schincariol, protocolada pelo PSOL, ao Conselho de Ética. A representação acusa Renan Calheiros de favorecer a Schincariol em retribuição a favores prestados ao seu irmão, deputado Olavo Calheiros. Também foi pedida pelo PSOL a inclusão da última denúncia da revista Veja ao processo que estava Conselho.

Na seqüência, a Editora Abril, responsável pela Veja, foi acusada por Renan Calheiros de tentar fazer um negócio fraudulento no valor de

²¹ Agência Senado - [http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=65039&codAplicativo=2¶metros=representa%
c3%a7%c3%a3o](http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=65039&codAplicativo=2¶metros=representa%c3%a7%c3%a3o) Acesso em 07/10/2007

aproximadamente R\$ 1 bilhão. De acordo com o Renan, a Abril estaria negociando com a espanhola Telefônica a venda da TV por assinatura TVA. Renan afirmou que a transação ocorre de maneira ilegal, porque a legislação exige que um grupo nacional detenha o controle acionário de TV por assinatura.

Os três relatores e o presidente do Conselho de Ética decidiram que as representações seriam analisadas separadamente, cada uma com seus relatores e investigações específicas. Também foi divulgado pela relatoria do processo que poderia haver novos atrasos, porque a Polícia Federal requisitou outros documentos²².

Em 14 de agosto, o PSOL apresentou ao 2º vice-presidente do Senado, senador Álvaro Dias (PSDB-PR), um abaixo-assinado com mais de 60 mil nomes pedindo o afastamento do presidente da Casa, Renan Calheiros. No mesmo dia, Tuma, corregedor do Senado, afirmou que viajaria para encontrar o usineiro João Lyra, suposto parceiro de Renan Calheiros na compra das emissoras de rádio e um jornal em Alagoas. Lyra disse que não iria ao Senado depor por constrangimento, já que Renan é o presidente da Casa.

Dois dias depois, 16 de agosto, a Mesa do Senado decidiu encaminhar ao Conselho de Ética a representação protocolada pelo DEM e pelo PSDB contra Renan Calheiros por quebra de decoro parlamentar. A representação pede que o colegiado apure a denúncia da Veja de que Calheiros teria comprado duas emissoras de rádio e um jornal em nome de laranjas. Lyra afirmou que Tito Uchoa, primo de Renan, é o representante do presidente do Senado na sociedade.

No dia 21 de agosto, o relatório sobre a perícia realizada nos documentos entregues por Renan ao Conselho de Ética chegou ao presidente do colegiado, Leomar Quintanilha. Os peritos da PF esclareceram que a investigação foi limitada, já que apenas puderam emitir parecer técnico sobre os documentos apresentados. O objetivo da perícia era verificar se Renan Calheiros poderia arcar

²²

Agência Senado - <http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=65217&codAplicativo=2¶metros=representa%c3%a7%c3%b5es> – Acesso em 07/10/2007

com as despesas usando apenas o seu dinheiro²³. De acordo com o relatório da Polícia Federal, todos os documentos eram autênticos, mas houve casos de incompatibilidade e inconsistência entre notas fiscais, saques, depósitos e guias de transporte animal.

Dois dias depois, em 23 de agosto, Renan Calheiros afirmou que o laudo comprovou que tinha dinheiro para pagar as contas e que “não fala sequer em irregularidades, fala em incongruência e inconsistência”. Um dos relatores do processo, Renato Casagrande, disse que Renan teria feito um empréstimo junto à locadora de veículos Costa Dourada Turismo, com sede em Maceió, Alagoas, para cobrir despesas, mas a operação não foi informada na declaração de imposto de renda. Um dos sócios da locadora é Tito Uchôa, primo de Renan e acusado pela Veja de ser o laranja na compra das empresas de comunicação. Renan ainda teria dito, segundo o relator, que o empréstimo foi utilizado para pagar pequenas despesas no estado e não foi declarado porque queria que essas despesas fossem pagas de forma reservada. De acordo com a PF, os R\$ 178 mil emprestados não passaram por nenhuma das contas bancárias informadas por Renan.²⁴ Em 24 de agosto, Renan Calheiros pediu, em plenário, que o Ministério das Comunicações e a Agência Nacional de Telecomunicações suspendessem a reunião do conselho diretor da Anatel marcada para a semana seguinte. O presidente do Senado afirmou que a reunião poderia servir para tentar acertar a transferência do controle da operadora de TV a cabo em questão, realizada entre o Grupo Abril e a empresa espanhola Telefônica. “Essa deprimente operação pretende repassar, também à Telefônica, 86,7% da Comercial Cabo, localizada na cidade de São Paulo e 91,5% da TVA Sul, que alcança Curitiba, Foz do Iguaçu, Florianópolis e Camboriú, no sul do país. O Acordo de Acionistas da Comercial

²³ Agência Senado

<http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=65572&codAplicativo=2¶metros=Bertollo>

Acesso em 07/10/2007

²⁴ Agência Senado -

<http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=65660&codAplicativo=2¶metros=casagrande> Acesso em 07/10/2007)

Cabo, conforme o parecer do conselheiro Plínio de Aguiar, deixa a operação e o gerenciamento da parte das telecomunicações da operadora a cargo da Telesp”. A denúncia se baseou no artigo 7º da Lei de TV a Cabo, que define que decisões em concessionárias de TV a cabo sejam tomadas apenas por brasileiros. Foi feito um requerimento de instalação de Comissão Parlamentar de Inquérito na Câmara dos Deputados para investigar o caso. O documento foi assinado por 182 deputados, 11 a mais do que o necessário para a criação da CPI.

A batalha seguinte foi a discussão sobre a abertura do voto do relatório no Conselho de Ética. Também foi debatido se o relatório deveria ser conclusivo ou apenas descritivo. Como o regimento interno da Casa é omissivo sobre a questão e para esclarecer a dúvida, foi chamada a Consultoria Legislativa do Senado. O então secretário-adjunto da Mesa, Marcos Santi, se demitiu do cargo, alegando pressão sobre o seu relatório sobre a abertura do voto. O caso, na época, trouxe muita polêmica. O presidente do Senado, Renan Calheiros, foi acusado de pressionar Santi para emitir um relatório que afirmasse que o voto deveria ser secreto. O servidor teria afirmado a um dos relatores do processo, Renato Casagrande, que se sentiu pressionado psicologicamente. Com isso, aumentaram as pressões para que Renan pedisse licença da presidência. Calheiros, mais uma vez, afirmou que de maneira nenhuma deixaria o cargo.

No dia 29 de agosto, Romeu Tuma, corregedor da Casa, tomou o depoimento de Marcos Santi sobre o caso e chegou à conclusão que o abandono do cargo não foi pela pressão a favor do voto secreto, mas sim por já se sentir insatisfeito com o trabalho.²⁵

Também no dia 29, o senador Leomar afirmou que iria submeter a decisão aos membros do colegiado, e que, se os membros optassem pelo voto aberto, ele acataria à decisão, mesmo sem essa obrigatoriedade.

Em 30 de agosto, o senador Epitácio Cafeteira afirmou, na reunião do Conselho de Ética que o advogado de Mônica Veloso, Pedro Calmon Mendes, teria tentado extorquir o presidente da Casa. De acordo com Cafeteira, em 12 de

²⁵ Agência Senado

<http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=65816&codAplicativo=2¶metros=santi> Acesso em 07/10/2007

maio, alguns dias antes da primeira denúncia veiculada pela revista Veja, Calmon teria lhe pedido que convencesse Renan a pagar R\$ 20 milhões pelo silêncio de Mônica. Cafeteira afirmou que havia outro senador como testemunha, mas não disse quem.²⁶ No mesmo dia, como já era previsto, foi anunciado que o trio de relatores que deveria elaborar o parecer não chegou ao consenso e dois relatórios foram apresentados. Um foi feito em dupla pelos senadores Renato Casagrande e Marisa Serrano, que pediram a perda de mandato de Renan Calheiros e outro, por Almeida Lima, que defendeu o arquivamento do processo por afirmar que o presidente do Senado era inocente. O regimento do Senado não permite a votação de dois pareceres, então ficou acordado que o parecer da maioria seria votado, ou seja, o produzido por Renato Casagrande e Marisa Serrano, que pedia a cassação de Renan Calheiros. Após horas de debate, o senador Wellington Salgado pediu vista do processo e a votação foi transferida para o dia 5 de setembro.

No dia 4 de setembro, o presidente do Senado, Renan Calheiros, apresentou denúncia em que relatava que a Editora Abril, responsável pela revista Veja, vendeu 30% de suas ações para empresas que não existem, usando funcionários e endereços fictícios. Para isso, Renan Calheiros reproduziu uma reportagem da TV Bandeirantes, veiculada na noite anterior, em que a denúncia era feita. Renan afirmou que a revista “precisa urgentemente publicar a venda das ações da Editora Abril para a empresa sul-africana Nasper, conglomerado de comunicação racista que sustentou o apartheid na África do Sul. Foi este laranjal de empresas inexistentes, com CNPJ duplicados, com endereços fictícios, sem sede, sem funcionários, que adquiriu 30% da Editora Abril. Um negócio que movimento em torno de R\$ 900 milhões”.

Em 5 de setembro, o relatório produzido pelos senadores Renato Casagrande e Marisa Serrano foi aprovado pelo placar de 11 a 4 votos. O próximo

²⁶ Agência Senado -

<http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=65821&codAplicativo=2¶metros=extorquir> Acesso em 07/10/2007

passo para o processo de cassação de Renan Calheiros seria a aprovação pela Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania para, só então, ser encaminhado à votação do plenário da Casa, onde a sessão e a votação seriam secretas. No mesmo dia a CCJ aprovou a matéria com um placar de 20 votos a um. O projeto foi então encaminhado para o Plenário, onde deveria ser submetido à votação secreta e, para ser aprovado, deveria contar com a maioria absoluta de votos. Ou seja, 41 dos 81. A expectativa inicial é que o resultado da votação no plenário fosse proporcional ao do Conselho de Ética.

Os dias que seguiram entre a votação no Conselho de Ética e no plenário foram de intensas negociações. Pelas especulações veiculadas na mídia e nos corredores do Congresso, o resultado da votação em plenário seria apertado. Esperava-se que a diferença de votos fosse menor que cinco, pela cassação ou pela absolvição.

Mais uma batalha estava para começar: A discussão sobre sessão e votos abertos ou secretos no plenário do Senado Federal. O regimento interno da Casa institui que ambos deveriam ser secretos e quem poderia participar eram apenas os senadores, a secretária-geral da Mesa, Cláudia Lira, e os advogados das duas partes.

Na véspera da votação, dia 11 de setembro, o deputado Raul Jungmann (PPS-PE), representando um grupo de parlamentares, anunciou que seria pedido um mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal com a finalidade de garantir que a sessão destinada a votar a cassação de Renan Calheiros fosse aberta. O deputado se baseou no regimento interno da Câmara dos Deputados, que permite que senadores participem de todas as reuniões daquela Casa, inclusive as secretas.

12 de setembro. O dia D no processo de cassação de Renan Calheiros já começou tumultuado. Durante a madrugada, o ministro do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski, concedeu liminar em mandado de segurança que autorizou 13 deputados, de sete partidos, a assistir a sessão secreta em que os senadores decidiriam a cassação ou a absolvição de Renan Calheiros, presidente

da Casa.²⁷ A confusão continuou durante o dia. Os seguranças, cumprindo ordem da chefia de segurança do Senado, tentaram impedir o acesso dos deputados no plenário da Casa. Os deputados tentaram entrar, contrariando a ordem dada aos seguranças. Com isso houve empurra-empurra, bate boca, socos e até uma arma de choque entrou em cena. O receio de alguns senadores era que os deputados em questão divulgassem as informações, que pelo regimento seriam secretas, para a imprensa, que aguardava do lado de fora do plenário.

Ao final da votação, foram contabilizados 35 votos a favor da cassação de Renan Calheiros e 40 contra, além de seis abstenções, que regimentalmente tiveram o mesmo valor de votos contra a cassação. Segundo alguns senadores, foi acordado que os parlamentares do PT se absteriam do voto. Essa seria a forma de declarar os votos do Partido dos Trabalhadores contra a cassação do presidente da Casa. Com o resultado da sessão, o presidente do Senado, Renan Calheiros, se manteve no cargo.

CAPÍTULO IV – COBERTURA DA REVISTA VEJA

O estudo utilizou as técnicas da Análise de Conteúdo (AC), que pode entendida como “um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”²⁸, definição que partiu do conceito clássico formulado por Bernard Berelson e seguido por diversos autores, que o define como “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

²⁷ Agência Senado -

<http://www.senado.gov.br/agencia/verNoticia.aspx?codNoticia=66103&codAplicativo=2¶metros=autores> Acesso em 07/10/2007

²⁸ DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (p.280)

Para Krippendorff (1990) “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que podem se aplicar a seu contexto”. Na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada.²⁹

A Análise de Conteúdo pode ser utilizada em parceria com outras técnicas de investigação. Neste estudo, foram utilizados princípios da semiologia em conjunto com a AC.

Com base nas teorias da comunicação, foram avaliadas as edições entre 30 de maio de 19 de setembro de 2007 da revista *Veja*, com o objetivo de entender o que levou os editores do periódico a apresentarem as notícias da forma como foram veiculadas.

De acordo com os autores Kovach e Tom Rosentiel, “a cobertura geral não reflete interesses particulares, nem é feita para agradar amigos da casa. A noção de que os jornalistas devem cavar a informação e contá-la com veracidade – mesmo à custa de outros interesses do dono do jornal – é um pré-requisito para dar as notícias não só com exatidão, mas também de forma convincente”³⁰. O segmento de texto apresentado mostra que, em teoria, o jornalismo deve seguir uma linha noticiosa imparcial.

O trabalho, baseado na hipótese que a revista *Veja* foi imparcial na cobertura do caso Renan Calheiros, foi dividido em duas partes. Na primeira parte, foram utilizadas as ferramentas dos estudos semiológicos para interpretar as capas das revistas analisadas.

Na segunda parte, quando foi feita a análise lingüística, utilizou-se a Análise de Conteúdo quantitativa, levando-se em consideração que qualquer discurso possui como principal características a intervenção da linguagem mediante a exposição e a argumentação sistemática.

Segundo Krippendorff, para uma pesquisa que utiliza a análise de conteúdo ser realizada de maneira correta, o pesquisador deve atentar a alguns pontos:

²⁹ DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (p.284)

³⁰ KOVACH & ROSENTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo* (ano)

(1990) Os dados analisados devem ficar explícitos. Deve-se deixar claro o corpus da análise e de qual população ele foi extraído. Um discurso sempre é feito em função de algo que aconteceu, ou está acontecendo. Logo, o contexto da análise influencia diretamente o discurso. A hipótese levantada pelo pesquisador tem que ser explicitada e normalmente é levantada relacionando os dados e o contexto. Outro ponto fundamental é esclarecer o objetivo da análise de, pois além de auxiliar na abordagem, está diretamente relacionado com a seleção do corpus. A inferência também é fundamental, “uma coisa é analisar o conteúdo dos cartazes oficiais na China, outra bem diferente é compreender o que os chineses aprendem sobre as decisões políticas do governo”.

4.3 Corpus

A escolha do corpus da análise do conteúdo lingüístico utilizou as principais regras apontadas por Jorge Duarte e Antonio Barros. A representatividade é a primeira seguida neste estudo. É apontado pelos autores que normalmente as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos muito amplo, de tal forma que seria impossível considerá-lo por inteiro. Para poder seguir com o trabalho sem a necessidade da análise completa, escolhe-se uma amostra que apresente a idéia do contexto global.

“A amostragem será rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. Quantas edições de um jornal, por exemplo, são necessárias para generalizar os resultados sobre o período de um ano? As decisões sobre o corpus também condicionam a ênfase a ser dada na pesquisa. Se o objetivo for aprofundar o conteúdo, torna-se impossível o processamento de uma grande quantidade de dados, devendo ser realizada uma análise qualitativa.”³¹

Outro princípio seguido foi regra da homogeneidade, que diz que “os documentos obtidos devem ser da mesma natureza, do mesmo gênero ou se

³¹ DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*

reportarem ao mesmo assunto”³². A partir dos princípios citados, foram criadas as tabelas que orientaram o estudo.

Para a análise lingüística, foi utilizada a análise categorial, que, segundo é definida como a classificação segundo a frequência de presença ou ausência dos itens de sentido.

Foram selecionadas as frases, expressões e palavras que poderiam direcionar o sentido do texto contra a postura do senador Renan Calheiros em meio à crise vivida. O que quer se observar é a posição da Veja em relação a uma possível cassação do presidente do Senado, baseada na forma como as notícias foram veiculadas. Foram selecionadas palavras como “chantagem”, “vergonha” e “cassação” para evidenciar o posicionamento da revista. Também foi destacado o uso da ironia como figura de linguagem como modo de veicular as opiniões do veículo em textos informativos.

Para isso, primeiro, foi feita a codificação do material. A codificação é o processo de transformação dos dados brutos de forma sistemática, segundo regras de enumeração, agregação e classificação. Sua principal função é servir de elo entre o material escolhido para análise e a teoria do pesquisador. O processo de codificação é dividido em três fases³³:

- a) o recorte – escolha das unidades de registro
- b) a enumeração – contagem da frequência com que aparece um símbolo, idéia ou tema. Balanço da quantidade de atributos favoráveis e desfavoráveis de símbolo, idéia ou tema.
- c) a classificação e agregação – escolha das categorias

O passo posterior é a categorização, que “consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade”. A categorização envolve duas etapas: o *inventário* e a *classificação*. A primeira consiste em isolar os elementos enquanto a segunda consiste em

³² DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (p.293)

³³ DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (p.294)

repartir os elementos, reunindo-os em grupos similares de forma a impor certa organização às mensagens³⁴. Essa classificação e reagrupamento foi feita por tabelas.

Outro conceito utilizado é o de enquadramento, que é definido como as diferenças na forma da mídia abordar determinado assunto, podendo se posicionar de diversas maneiras, de acordo com o interesse do autor ou do veículo. Amos Tversky e Daniel Kahneman, psicólogos israelenses, foram os pioneiros no estudo do conceito de enquadramento. Eles provaram, através de pesquisa de opinião como a forma de veicular a notícia muda a aceitação popular.

A pesquisa feita por Tversky e Kahneman tratava-se da divulgação de um estudo sobre epidemia. No caso, a epidemia mataria 600 pessoas. Foram apresentadas duas propostas que amenizariam a crise, cada uma para metade dos entrevistados. Uma das soluções apresentadas ressaltou que conseguiria salvar 200 indivíduos, a outra apontou que 400 pessoas morreriam. Após a análise dos resultados, chegou-se à conclusão que a primeira foi aceita por 72% dos entrevistados e a outra por apenas 22%. A apresentação aponta que, mesmo sendo situações iguais, a forma de apresentar a notícia – no caso, a solução – muda a aceitação popular.

Dessa forma, a maneira como os assuntos são tratados e apresentados pela mídia mudam o nível de identificação e aceitação dos leitores. Sabe-se que os grandes veículos de comunicação são formadores de opinião e que, pela teoria do agenda setting, pautam o que vai ser discutido pela sociedade. Assim, como foi apontado por Walter Lippman, em *Public Opinion* “as notícias são estereótipos que normalmente envolvem uma simplificação e um valor negativo, os quais influenciam a visão do mundo. As mais sutis e penetrantes influências são as que criam e mantêm o repertório dos estereótipos. Imaginamos a maioria das coisas antes de experimentá-las.”

Neste estudo, o conceito de enquadramento foi utilizado para demonstrar a possível influência da forma como o caso Renan Calheiros foi abordado pela imprensa.

³⁴ DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (p.298)

4.1 Análise da tabela 1 – Espaço que a revista destinou a Renan Calheiros

Pela tabela apresentada, é possível aferir o espaço que a revista *Veja* destinou à cobertura da crise do senador Renan Calheiros. Entre o período de 30 de maio a 19 de setembro, o presidente do Senado apareceu como notícia principal em cinco capas. Além disso, o senador também esteve em sete chamadas secundárias na capa do semanário.

O estudo restringiu a análise às edições que Calheiros foi o assunto principal. Foram analisadas as edições nº 21, de 30 de maio; nº 23, de 13 de junho; nº 25, de 27 de junho; nº 31, de 8 de agosto; e nº 37, de 19 de setembro.

A primeira capa com Renan Calheiros durante a crise foi a da edição nº 21, de 30 de maio. Essa edição teve 126 páginas, sendo que 44 eram destinadas inteiramente à publicidade. Das 82 páginas que restaram, 26 eram de colunas fixas, como *Ponto de Vista*, *Holofote* e *Contexto*. Restaram 56 páginas para o jornalismo da *Veja*. Quatro delas eram apenas sobre o envolvimento de Renan Calheiros no esquema de corrupção descoberto na Operação Navalha, realizada pela Polícia Federal. Além disso, a revista utilizou as seis páginas anteriores para falar da Operação Navalha, mas sem envolver o nome do senador ainda. Ou seja, o senador Renan Calheiros ocupou 7% das páginas jornalísticas.

Duas edições depois, na nº 23, de 13 de junho, Renan Calheiros voltou a ser o assunto principal. A edição teve 134 páginas, 43 exclusivas para anúncios publicitários. Das 91 páginas restantes, 24 eram das colunas fixas, presentes em todas as edições. Dessa forma, sobraram apenas 67 páginas para o jornalismo e Renan Calheiros foi o assunto de oito delas. Ou seja, a revista *Veja* reservou 11% das páginas informativas para o presidente do Senado.

A edição nº 25, de 27 de junho, mais uma vez apresentou Renan Calheiros na capa. Das 130 páginas impressas pela *Veja*, 45 foram ocupadas apenas com anúncios de publicidades. As colunas fixas ficaram com 26 páginas. Restaram 59 páginas para a parte de jornalismo. Renan esteve presente em 11 dessas páginas. Renan também foi citado em um momento na entrevista principal, com

Geraldo Alckimin, nas páginas amarelas e no ensaio de Roberto Pompeu Toledo. Assim, para efeito de análise, foram contabilizadas mais duas páginas com o senador Renan Calheiros, totalizando 13 páginas. Essa edição ainda contou com um guia de acompanhamento dos jogos Pan Americanos, que teve 60 páginas, desconsideradas na contagem e na análise. O senador esteve presente em 22% do jornalismo da revista.

No mês de agosto, o presidente do Senado foi o assunto principal da edição nº 31, do dia 8. Dessa vez, a o semanário saiu com 142 páginas, mas ocupou 63 com propagandas publicitárias. A revista Veja também publicou nesse número um encarte chamado *Saúde e Bem-Estar*, com 14 páginas, que não foram contabilizadas nem analisadas. As colunas fixas ocuparam 26 páginas, restando 53 para a parte jornalística. Renan Calheiros ocupou, com exclusividade, seis dessas páginas, ou seja, 11%.

A última edição analisada, de nº 37, do dia 19 de setembro, teve 142 páginas, 43 ocupadas pelos anúncios publicitários. As colunas fixas foram responsáveis por 25 páginas, de tal forma que restam 73 para a parte jornalística do semanário e o presidente do Senado, além da capa, ocupou seis páginas internas da área de jornalismo. Renan também foi o assunto da *Carta ao leitor*, o editorial da revista Veja e do ensaio de Roberto Pompeu de Toledo. No total, Calheiros esteve em oito páginas da edição, 10% da área destinada ao jornalismo revista.

4.2 Análise da tabela 2: Capas

A semiótica trata não apenas da verdade, mas também das condições gerais dos signos como signos³⁵. As ferramentas semiológicas podem ser utilizadas para, ao analisar imagens, “compreendermos que indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível. Lemos as imagens de uma maneira que nos parece totalmente ‘natural’, que, aparentemente, não exige qualquer aprendizado e, por outro, temos a impressão de estar sofrendo de maneira mais

³⁵ SANTAELLA, Lucia – *Matrizes da linguagem e pensamento* (2001)

inconsciente do que consciente a ciência de certos iniciados que conseguem nos ‘manipular’, afogando-nos com imagens em códigos secretos que zombam de nossa ingenuidade”³⁶.

Para Martine Joly, “abordar ou estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de produção de sentido”. Trabalhando a hipótese que a revista *Veja* não foi plenamente imparcial na produção das edições da revista que trataram do caso Renan Calheiros, o estudo semiológico das capas pode apontar a direção seguida pelo semanário. Joly afirma que é possível utilizar imagens para construir a “imagem” de alguém. Trata-se de estudar ou provocar associações mentais sistemáticas que servem para identificar este ou aquele objeto, atribuindo-lhes um certo número de qualidades socioculturalmente elaboradas. O uso de estratégias publicitárias pode ser utilizado na confecção de capas de revistas com a intenção de pregar a opinião do veículo sem que o leitor perceba que está sendo influenciado pela mídia³⁷.

A imagem, na análise semiológica, é chamada de mensagem visual. “Dentro da mensagem visual, vamos distinguir os signos figurativos ou icônicos, que, de modo codificado dão uma impressão de semelhança com a realidade jogando com a analogia perceptiva e com os códigos de representação herdados da tradição de representação ocidental.”³⁸. Junto a isso, segundo Joly, deve-se analisar os componentes da mensagem visual. “Vamos designar com o termo signos plásticos os componentes propriamente plásticos da imagem, como a cor, formas, a composição e a textura. Os signos icônicos e os signos plásticos são então considerados como signos visuais, ao mesmo tempo distintos e complementares”.

O que se pode inferir a partir da análise semiológica dos componentes plásticos da imagem depende contexto social durante a criação da composição visual. “As unidades que nela detectamos são ‘unidades culturais’, determinadas pelo hábito que temos de detectá-las no próprio mundo.”³⁹

³⁶ JOLY, Martine – *Introdução à análise da imagem*

³⁷ JOLY, Martine – *Introdução à análise da imagem*

³⁸ JOLY, Martine – *Introdução à análise da imagem*

³⁹ JOLY, Martine – *Introdução à análise da imagem*

Nesse tipo de produção de imagens, como as utilizadas em capas de revistas, é comum o uso de metáforas visuais. “Além da mensagem literal ou denotada, evidenciada pela descrição, existe uma mensagem ‘simbólica’ ou conotada, vinculada ao saber preexistente e compartilhado do anunciante e do leitor”. A função da imagem é, também, “evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo da semelhança. Se a imagem é percebida como representação, isso quer dizer que é percebida como signo. “A imagem pura funciona realmente como signo, ou mais exatamente como conjunto de signos”.⁴⁰

A partir da análise de signos presentes nas imagens, pode-se chegar às conclusões do posicionamento do produtor da mensagem. Para isso, utiliza-se a descrição das imagens para transformar a representação visual em lingüística. “Uma etapa simples e evidente, a descrição, é capital, pois constitui a transcodificação das percepções visuais para a linguagem verbal. A verbalização da mensagem visual manifesta processos de escolhas perceptivas e de reconhecimento que presidem sua interpretação.”⁴¹

Os dados apresentados na tabela nº 2, são baseados na transcodificação das imagens para textos. Combinando o Dicionário de Símbolos, de Jean Chevalier e Alain Cheerbrant, com os dados transcodificados, podemos caminhar para a parte prática da análise.

O objetivo é destacar o discurso implícito proposto pela composição visual. “Três tipos de mensagem constituem a mensagem visual: uma mensagem plástica, uma mensagem icônica e uma mensagem lingüística”.

Entre os signos plásticos estão as cores, formas e composição. Joly afirma que “uma parte da significação da mensagem visual é determinada pelas escolhas plásticas e não unicamente pelos signos icônicos analógicos, embora o funcionamento dos dois tipos de signos seja circular complementar”.

Os signos icônicos são basicamente os objetos que compõem a imagem. “Cada um deles está na imagem por algo mais do que ele próprio, pelas conotações que evoca. A análise da mensagem icônica sublinha que a

⁴⁰ JOLY, Martine – *Introdução à análise da imagem*

⁴¹ JOLY, Martine – *Introdução à análise da imagem*

interpretação dos motivos ocorre por meio do processo da conotação, ele próprio carregado por conotadores de diversas ordens: usos socioculturais dos objetos, dos lugares ou das posturas. Essa orientação, que depende do saber do espectador e, portanto, pode variar, orienta-se para significações mas ou menos diferentes, distinguindo-se do reconhecimento puro e simples dos motivos que correspondem à descrição verbal da imagem.”⁴²

A mensagem lingüística “é determinante na interpretação de uma ‘imagem’ em seu conjunto, pois esta poderia produzir significações diferentes que a mensagem lingüística deveria canalizar”. Joly destaca que “a significação global de uma mensagem visual é construída pela interação de diferentes ferramentas, de tipos de signos diferentes: plásticos, icônicos e lingüísticos”. E ainda que a interpretação desses diferentes tipos de signos joga com o saber cultural e sociocultural do espectador, de cuja mente é solicitado um trabalho de associações.⁴³

Edição 21

Significantes icônicos:

As fotos cortadas por uma Navalha

A navalha segue na direção de Renan Calheiros

Irritação de Renan Calheiros

Significante plástico:

O fundo vermelho sangue

Significantes lingüísticos:

Chamada da capa: NAVALHA NA CARNE – O fio das operações anticorrupção já cortou Zuleido e Rondeau e agora chega perto do pescoço de Renan Calheiros, presidente do Senado Federal

⁴² JOLY, Martine – *Introdução à análise da imagem*

⁴³ JOLY, Martine – *Introdução à análise da imagem*

Legenda das fotos utilizadas na fotomontagem: O empreiteiro “cleptobudista” Zuleido Veras / O ex-ministro Silas Rondeau / O senador Renan Calheiros

Interpretação semiológica: Nesta capa, os significantes lingüísticos complementam por inteiro o sentido semiológico encontrado nos significantes visuais. De acordo com o Dicionário de Símbolos, de Jean Chevalier e Alain Cheerbrant, o fio da navalha simboliza dificuldades, como o senador e os outros personagens da capa poderiam vir a passar. Instrumentos cortantes têm o mesmo sentido semiológico, segundo o dicionário utilizado, e representam o “princípio ativo cortando a matéria passiva. Tem o poder de afastar influências maléficas e transmite a idéia de sacrifício”. O fundo da imagem em vermelho-sangue forma uma atmosfera misteriosa, como as relações do senador com os empreiteiros. O texto presente na capa completa a análise: “O fio das operações anticorrupção já cortou Zuleido e Rondeau e agora chega perto do pescoço de Renan Calheiros”, ou seja: Após o sacrifício dos primeiros, virá o de Renan.⁴⁴

Edição 23

Significantes icônicos:

Mão no pescoço

Significantes plásticos:

Mônica Veloso em close

Significantes lingüísticos:

Chamada da capa: Renangate AS REVELAÇÕES DE MÔNICA VELOSO “Os advogados de Renan apareceram com duas sacolas de dinheiro” A intimidade do lobista com as finanças de Renan

⁴⁴ CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain – *Dicionário de símbolos*

Interpretação semiológica: A foto em close dá idéia de proximidade. Tal proximidade com Mônica Veloso poderia trazer novas informações sobre o caso. Segundo Jean Chevalier e Alain Cheerbrant, o pescoço de Mônica, evidenciado pela mão que o toca, “se opera a última manifestação vital”. Logo, dá-se a idéia de que ali poderia se obter informações que aniquilariam Renan. A mão, que segura o pescoço, exprime idéia de poder e dominação. Poder esse, nas mãos de Mônica, que poderia vir a derrubar o presidente do Senado. A foto possui um jogo de luz e sombra, que pode ser entendido como uma dualidade entre a luz, que clareia e informa o que se passa as trevas, que representa “tudo aquilo que o sujeito recusa a conhecer ou admitir. Como, por exemplo, traços de caráter inferior ou tendências incompatíveis”. No caso, essas tendências seriam a utilização de empreiteiros para o pagamento das contas, como dinheiro de origem desconhecida. O rosto, ou a face, “é o local onde se inscreve seus pensamentos”, que, se for entendido em conjunto com a proximidade, mais uma vez remete a idéia que naquela edição estariam expressos os pensamentos ocultos de envolvidos no caso. A parte lingüística mais uma vez completa e comprova a análise semiológica dos significantes visuais: “As revelações de Mônica Veloso”. O termo intimidade também provoca o leitor com a idéia de ali encontrar informações pessoais ou sigilosas.⁴⁵

Edição 25

Significantes icônicos:

Aparência cansada

Barba por fazer

Olhar baixo

Significantes plásticos:

Renan Calheiros em primeiríssimo plano

⁴⁵ CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain – *Dicionário de símbolos*

A iluminação apenas em um lado do rosto, o outro está escuro (sombrio)

Significantes lingüísticos:

Chamada da capa: POR QUE ELE TEM QUE DE SAIR

- As chantagens para intimidar os colegas
- O inexplicável patrimônio de 10 milhões de reais

O RISCO DE DESMORALIZAÇÃO DO SENADO

Em gravações, o senador Joaquim Roriz discute a partilha de 2,2 milhões de reais em dinheiro vivo

Interpretação semiológica: Nesta edição, os significantes lingüístico causam mais impacto que os visuais. O tamanho físico e o conteúdo da frase “Por que ele tem que sair” já deixa claro que a revista não questiona se ele deve deixar o cargo, mas o porquê. As palavras *chantagens* e *desmoralização* – o *segundo mesmo relacionado a outro senador* - carregam um forte apelo de irregularidades na presidência da Casa. O uso do termo *inexplicável* já desvalida qualquer possível defesa que Renan viesse a apresentar. A foto utilizada mostra Renan com uma aparência de derrota. A barba “quando mal cuidada é sinal de loucura”, segundo o dicionário de símbolos utilizado. Ao juntar os apelos lingüísticos aos visuais, a revista dá a entender que seria loucura preservar o cargo de Renan. O jogo feito com as sombras remete ao mesmo sentido da capa com a foto de Mônica, ou seja, pode representar tudo aquilo que o sujeito recusa a conhecer ou admitir, como tendências incompatíveis com a função de presidir o Senado.⁴⁶

Edição 31

Significantes icônicos

Renan Calheiros sentado em uma grande laranja

Pernas cruzadas na altura do calcanhar

Dedos das mãos estão entrelaçados

⁴⁶ CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain – *Dicionário de símbolos*

As folhas da laranja são duas notas de dinheiro, uma de 100 reais e uma de 100 dólares

Microfone comum em rádios à frente de Renan

Significantes plásticos

Aparência de conforto

O fundo da imagem é branco.

Significantes lingüísticos

Chamada da capa: MAIS LARANJAS DE RENAN – Como o senador se tornou o dono oculto de duas rádios em Alagoas. Ele pagou 1,3 milhão em dinheiro vivo VEJA em cor laranja

Interpretação semiológica: O termo *laranja* é entendido no Brasil como o uso de terceiros para possuir, apenas documentalente, bens pessoais. O uso do microfone já dá a entender que, no caso, são as rádios que, segundo a revista, pertencem a Renan. O conteúdo lingüístico intera essa parte da análise com o trecho o senador se tornou o dono oculto de duas rádios. Renan é mostrado, na fotomontagem, sentado confortavelmente, como se não houvesse preocupações e a laranja, fruta, com as folhas representadas como notas de dinheiro, podem significar que as rádios eram “árvores de dinheiro”, ou seja, através delas o senador conseguiria grande quantidade de recursos. De acordo com o Chevalier e Cheerbrant, moedas, ou cédulas, representam controle e poder, que pode ser entendido como o poder em Alagoas ou no Senado. O fundo branco isola Renan Calheiros de tudo e pode transmitir o sentido de que o presidente da Casa estaria sozinho, ou seja, sem o apoio de outros parlamentares, o que seria compreensível, visto que já estaria se aproximando da época das votações no Conselho de Ética e no plenário. O escrito *VEJA*, em cor laranja, apenas frisa o sentido do termo.⁴⁷

⁴⁷ CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain – *Dicionário de símbolos*

Edição 37

Significantes icônicos

Olhos arregalados

Significantes plásticos

Renan Calheiros em primeiríssimo plano

Significantes lingüísticos

Chamada da capa: VERGONHA! Como o Senado enterrou a ética e salvou Renan Calheiros

VEJA em cor roxa

Interpretação semiológica: Mais uma vez, os significantes lingüísticos têm um forte apelo na capa. O tamanho da fonte utilizada no termo *vergonha*, dá a entender que, de fato, o resultado da votação no plenário teria sido vergonhoso. O verbo *enterrar*, remete a morte, pois mortos são enterrados. Ou seja, a ética, no Senado, havia morrido em nome da absolvição de Renan. *Veja* está escrito em na cor roxa, que também transmite a idéia de vergonha. Os olhos arregalados do presidente da Casa transmitem algum susto ou espanto, como se o resultado da votação fosse tão inacreditável, que nem Renan acreditaria.

Análise da tabela 3 – Conteúdo lingüístico

Em 35 páginas destinadas à cobertura do caso Renan Calheiros, a revista *Veja* utilizou a figura de linguagem ironia 41 vezes, com a intenção clara de apontar o posicionamento do semanário, por meio de notícias informativas. Algumas palavras foram destacadas pela repetição do uso, aparentemente com a intenção de pregar a opinião. Percebe-se que a revista não tentou sequer parecer isenta de opinião. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, no sutiã de uma das matérias analisadas, da edição nº 25, que diz “o senador vira motivo de constrangimento para o Senado”. Em 27 de junho, data da publicação, ainda não se falava no descrédito da Casa. Fazendo referência à Bíblia católica, a revista

coloca entre aspas a frase *antes de terminar, mentirás seis vezes*. No trecho, também é visível a intenção de afirmar que o que qualquer coisa que o senador dissesse, seria mentira.

O posicionamento da revista se confirma ao longo dos textos analisados. Em diversos momentos, o semanário afirma que o senador mente ou esconde a verdade. *Ou mentiu ao Senado ou mentiu à Justiça*, é um exemplo da intenção de evidenciar que o senador teria mentido. Em textos jornalísticos evita-se a repetição desnecessária de palavras. O verbo *mentir*, deveria ser omitido na construção da segunda oração do período, mas não feito, provavelmente para reforçar a idéia.

A palavra *oculto* e sinônimos como *secreto* e *sorrateiro* – dentro do contexto – foi utilizada 22 vezes. Em contrapartida, não foram encontradas repetições de termos que poderiam ser entendidos como favoráveis à defesa de Calheiros. Outras repetições de termos que pesam para o lado da incriminação de Renan foram encontradas. O termo *irregular* e sinônimos, no contexto, como *fraude* e *laranja* foram repetidos 27 vezes nas 35 páginas informativas. A palavra *cassação* ou o verbo *cassar* apareceram 24 vezes. Ainda foram repetidas, em menor quantidade, palavras como *mentir*, nove vezes; *chantagem*, sete; *vergonha*, cinco; e *ameaça*, também cinco.

A análise acima não considerou os editoriais e os artigos. Foi percebido que, nesses espaços, as opiniões do veículo foram expressas de forma gritante. André Petry começa seu texto, na edição nº 27, dizendo que Renan está mergulhado em irregularidades: “No universo de lobistas, bois e notas frias em que afunda”. Petry reforça a idéia de que existem mentiras no diálogo de Renan com a população. “suas palavras públicas significam sempre o contrário do que parece. Para entendê-las corretamente, é preciso interpretá-las pelo avesso.” André Petry também confirma que o cargo de Renan Calheiros deve ser abandonado. “Sua falta de compostura é mais um sinal eloqüente – apenas mais um – de que perdeu as condições de ser presidente do Senado”.

O editorial do dia 19 de setembro afirma que a votação no plenário “foi um arranjo subalterno cuja real motivação estarecerá a nação quando for revelada

em todos seus indecorosos detalhes”, o que transmite a idéia de que a verdade ainda está por vir e o que foi visto até então era puramente mentira. A *Carta ao leitor* também fala em fraudes, ficção e mentiras.

Somando as cinco páginas de editoriais e artigos que citam Renan Calheiros, foram encontradas 18 frases com sentido irônico, todas a favor da cassação do presidente da Casa. O termo *oculto* foi encontrado oito vezes nessas páginas. A palavra *cassação* apareceu em mesmo número. Também foram contabilizadas sete repetições dos termos *chantagem* e *mentira*. Além de outros termos como *fraude* e *notas frias*, que apareceram cinco vezes cada.

A última edição analisada, de nº 37, trouxe uma série de pequenos depoimentos de pessoas conhecidas na sociedade, como jornalistas, artistas, cientistas políticos, sobre a decisão do plenário de absolver Calheiros. Foram apresentados 19 depoimentos, todos a favor da cassação e exprimindo um sentimento de revolta com o desfecho da representação que pedia a cassação de Renan. Veículos que publicam opiniões de terceiros sobre qualquer assunto, normalmente, mostram diferentes opiniões. Isso não foi feito pelo semanário, o que também evidencia o posicionamento do veículo.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada demonstrou que, com base nos significados encontrados, pode-se inferir que as capas da revista Veja tinham, sim, a intenção de sugerir alguma coisa ao leitor. Ao combinar as informações obtidas através da análise semiológica das capas com o resultado encontrado com o estudo das tabelas da análise lingüística, pode-se concluir que a revista Veja não se comprometeu com o princípio de imparcialidade e utilizou várias vezes matérias informativas para expressar opiniões.

A análise lingüística das matérias publicadas na revista Veja evidenciou que o periódico tinha como objetivo influenciar a população sobre o caso Renan Calheiros, apresentando com vigor as denúncias e não fornecendo espaço para a defesa, o que leva o leitor a crer que não houve argumentos de Calheiros contra o que foi denunciado. Pelas expressões utilizadas e pelo uso repetido das palavras, foi percebida a clara intenção do semanário em derrubar o presidente do Senado, Renan Calheiros.

A postura da Veja carrega consigo um problema maior do que a cobertura do caso. O semanário mostra que não há intenção de informar, mas sim de persuadir o leitor, de acordo com o interesse do veículo.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de. *Eles mudaram a imprensa* (2003)

CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos* (2002)

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (2006)

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa* (2004)

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem* (2007)

KOVACH, Bill e ROSENTIEL, Tom. *Os elementos do Jornalismo* (2005)

MOTTA, Luiz G. *Imprensa e poder* (1945)

Regimento Interno do Senado Federal (2007)

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento* (2005)

WOLF, Mario. *Teorias da comunicação* (1987)

ANEXOS

Anexo 1: Tabela de números gerais

Anexo 2: Descrição das capas

Anexo 3: Tabela de significantes

Anexo 4: Repetição de palavras e figura de linguagem nas matérias

Anexo 5: Repetição de palavras e figura de linguagem em artigos e editorial

Anexo 6: Acusações, defesas, informações e ironias

Anexo 7: Capa da edição nº 21

Anexo 8: Capa da edição nº 23

Anexo 9: Capa da edição nº 25

Anexo 10: Capa da edição nº 31

Anexo 11: Capa da edição nº 37

Anexo 1: Tabela de números gerais

Edição	Total de Páginas	Páginas Publicadas	Páginas de Colunas Fixas	Páginas com Renan Calheiros	Páginas Restantes
Ed. 2010 - Ano 40 n° 21 (30/05)	126	44	26	4	56
Ed. 2012 - Ano 40 n° 23 (13/06)	134	43	24	8	67
Ed. 2140 - Ano 40 n° 25 (27/06)	130	45	26	11	59
Ed. 2020 - Ano 40 n° 31 (08/08)	142	63	26	6	53
Ed. 2026 - Ano 40 n° 37 (19/09)	142	43	25	6	67

Anexo 2: Descrição das capas

Edição	Descrição da mensagem visual	Chamadas
21	Fotomontagem utilizando uma foto de Zuleido Veras, de Silas Rondeau e de Renan Calheiros. Na imagem, as fotos de Zuleido Veras e de Silas Rondeau estão cortadas por uma Navalha, em referência à operação da Polícia Federal. A navalha segue na direção de Renan Calheiros. A foto de Renan tem um pequeno corte já feito pela navalha. O fundo da fotomontagem é vermelho e há um pequeno efeito de sombras que sugere a movimentação da navalha. Na foto do presidente do Senado, a feição de Renan sugere apatia. A expressão de Calheiros é de indiferença.	<p>NAVALHA NA CARNE – O fio das operações anticorrupção já cortou Zuleido e Rondeau e agora chega perto do pescoço de Renan Calheiros, presidente do Senado Federal</p> <p>Legenda das fotos utilizadas na fotomontagem: O empreiteiro "cleptobudista" Zuleido Veras / O ex-ministro Silas Rondeau / O senador Renan Calheiros</p>
23	Foto da jornalista Mônica Veloso, ex-amante de Renan Calheiros em close. A jornalista está com uma das mãos no pescoço.	<p><u>Renangate</u> AS REVELAÇÕES DE MÔNICA VELOSO "Os advogados de Renan apareceram com duas sacolas de dinheiro" A intimidade do lobista com as finanças de Renan</p>
25	Foto de Renan Calheiros em primeiríssimo plano. O senador está com uma aparência cansada, com a barba por fazer e o olhar baixo. A impressão é de derrota. A iluminação pega apenas um lado do rosto, o outro está escuro.	<p>Chamada da capa: POR QUE ELE TEM QUE DE SAIR</p> <ul style="list-style-type: none"> - As chantagens para intimidar os colegas - O inexplicável patrimônio de 10 milhões de reais <p>O RISCO DE DESMORALIZAÇÃO DO SENADO</p> <p>Em gravações, o senador Joaquim Roriz discute a partilha de 2,2 milhões de reais em dinheiro vivo</p>
31	Fotomontagem de Renan Calheiros sentado confortavelmente em uma grande laranja, como se fosse um sofá. A posição do senador é a mesma que ele costuma ficar quando recebe alguém em seu gabinete: pernas cruzadas (na altura do calcanhar e os dedos das mãos estão entrelaçados). As folhas da laranja são duas notas de dinheiro, uma de 100 reais e uma de 100 dólares. Há um microfone, de modelo comum em rádios, que sangra a montagem e para na frente de Renan. O fundo da imagem é branco.	<p>MAIS LARANJAS DE RENAN – Como o senador se tornou o dono oculto de duas rádios em Alagoas. Ele pagou 1,3 milhão em dinheiro vivo</p>
37	Foto de Renan Calheiros em primeiríssimo plano. O senador aparece com os olhos arregalados, como se estivesse assustado.	<p>VERGONHA! Como o Senado enterrou a ética e salvou Renan Calheiros</p>

Anexo 3: Tabela de significantes

	Significantes icônicos:	Significante plástico:	Significantes lingüísticos:
Edição 21	<ul style="list-style-type: none"> * As fotos cortadas por uma Navalha * Significantes icônicos: A navalha segue na direção de Renan Calheiros * Irritação de Renan Calheiros 	<ul style="list-style-type: none"> * O fundo vermelho sangue 	<ul style="list-style-type: none"> * Chamada da capa: NAVALHA NA CARNE – O fio das operações anticorrupção já cortou Zuleido e Rondeau e agora chega perto do pescoço de Renan Calheiros, presidente do Senado Federal * Legenda das fotos utilizadas na fotomontagem: O empreiteiro "cleptobudista" Zuleido Veras / O ex-ministro Silas Rondeau / O senador Renan Calheiros
Edição 23	<ul style="list-style-type: none"> * Mão no pescoço 	<ul style="list-style-type: none"> * Mônica Veloso em close 	<ul style="list-style-type: none"> * Chamada da capa: *Renangate* AS REVELAÇÕES DE MÔNICA VELOSO "Os advogados de Renan apareceram com duas sacolas de dinheiro" A intimidade do lobista com as finanças de Renan
Edição 25	<ul style="list-style-type: none"> * Aparência cansada * Barba por fazer * Olhar baixo 	<ul style="list-style-type: none"> * Renan Calheiros em primeiríssimo plano * A iluminação apenas em um lado do rosto, o outro está escuro, sombreado 	<ul style="list-style-type: none"> * Chamada da capa: POR QUE ELE TEM QUE DE SAIR - As chantagens para intimidar os colegas - O inexplicável patrimônio de 10 milhões de reais * O RISCO DE DESMORALIZAÇÃO DO SENADO Em gravações, o senador Joaquim Roriz discute a partilha de 2,2 milhões de reais em dinheiro vivo
Edição 31	<ul style="list-style-type: none"> * Renan Calheiros sentado em uma grande laranja * Pernas cruzadas na altura do calcanhar * Dedos das mãos estão entrelaçados * As folhas da laranja são duas notas de dinheiro, uma de 100 reais e uma de 100 dólares * Microfone comum em rádios frente de Renan 	<ul style="list-style-type: none"> * Aparência de conforto * O fundo da imagem é branco. 	<ul style="list-style-type: none"> * Chamada da capa: MAIS LARANJAS DE RENAN – Como o senador se tornou o dono oculto de duas rádios em Alagoas. Ele pagou 1,3 milhão em dinheiro vivo * VEJA em cor laranja
Edição 37	<ul style="list-style-type: none"> * Olhos arregalados 	<ul style="list-style-type: none"> * Renan Calheiros em primeiríssimo plano 	<ul style="list-style-type: none"> * Chamada da capa: VERGONHA! Como o Senado enterrou a ética e salvou Renan Calheiros * VEJA em cor roxa

Anexo 4: Repetição de palavras e figura de linguagem nas matérias

Palavras e sinônimos / Figura de linguagem	Número de repetições
Ironia	41
Irregular, fraude, laranja	27
Cassação	24
Segredo, oculto, secreto, sorrateiro	22
Mentir, enganar	9
Chantagem	7
Vergonha	5
Desmoralizar	5

Anexo 5: Repetição de palavras e figura de linguagem em artigos e editorial

Palavras e sinônimos / Figura de linguagem	Número de repetições
Ironia	18
Secreto, oculto	8
Chantagem	7
Renúncia, cassação	7
Mentira	7
Notas frias, documentos fraudados	5

Anexo 6: Acusações, defesas, informações e ironias

Acusações	O empreiteiro bancou sorrateiramente a campanha do senador
	A situação de Renan é mais complicada que sua intimidade com Zuleido Veras
	Relação financeira entre um parlamentar e um lobista é condenável
	O Senado enterrou a ética e salvou Renan Calheiros
	Os extratos também trazem notícias ruins para o senador
	Em sua solene defesa no Senado, Renan Calheiros mentiu para seus pares
	[O senadores] precisam produzir, ao menos, um simulacro de realidade
	A superação da crise exige sua renúncia [de Renan Calheiros]
	Renan mentiu em pelo menos seis pontos
	[Renan Calheiros é] um aliado que começa a cair em desgraça
	Ou mentiu ao Senado ou à Justiça
	As estripulias do senador estão afundando a própria instituição
	Mentiras que contou aos senadores
	Quando se confrontam as notas fiscais e GTAs com as declarações de imposto de renda o resultado é dramático
	Se tudo isso não é suficiente para mostrar que Renan Calheiros perdeu por completo as condições – políticas, morais – de presidir o Senado, o que mais é preciso?
Defesas	O senador Renan Calheiros diz que ele mesmo é o dono dos recursos
	O lobista, em depoimento, confirmou a versão do senador
	O romance extraconjugal só interessa a ela [Verônica Calheiros] e ao seu marido
	Veja entrevistou oito corretores de imóveis. Sempre que houve divergência, contabilizou-se o menor valor
Informações	Renan Calheiros terá de explicar por que diretor de construtora pagava suas contas
	O lobista da Mendes Júnior coloca à disposição do senador um flat num dos melhores hotéis de Brasília
	As relações empreiteiro-familiares do clã Calheiros também envolvem o deputado Olavo Calheiros
	Renan Calheiros nunca falava de dinheiro
	Os pagamentos eram feitos no escritório da Mendes Júnior
	Os pagamentos eram sempre em dinheiro vivo
	O senador [Renan Calheiros] vira um constrangimento para o Senado
	Renan disse que renúncia é uma palavra que não existe no seu dicionário
	A cadeira de presidente do Senado já começou a ser negociada pelos senadores
	O senador tentou provar a venda de 2213 cabeças de gado
	Uma eventual renúncia não preserva mais seus direitos políticos
	Como Calheiros não tinha todo o dinheiro disponível no momento, ficou combinado que o usineiro lhe emprestaria 700 000 reais
	Em dezembro do ano passado, o governo federal concedera a JR uma outorga para operar uma emissora FM
Os extratos mostram que o senador movimentava muito dinheiro	

	A entrevista de Mônica, associada ao depoimento do lobista e aos extratos do senado, derruba algumas versões [da história contada por Renan Calheiros]
	Mônica Veloso diz que recebia a pensão das mãos do lobista
	Não houve saques para pagar um ano de aluguel
Ironias	Curiosamente, até o senador Renan Calheiros já desmentiu o lobista
	O único que parece ter acreditado no lobista é o senador Romeu Tuma
	É preciso crer que o senador tinha o hábito de esconder dinheiro sob o colchão
	É assim que funcionam os clubinhos fechados
	O senador [Epitácio Cafeteira] deixa evidente sua disposição para abafar o caso: "Chamar a moça para quê? Para Fofocar". Não, Cafeteira, chame a moça para ajudá-los a fazer contas
	É custoso acreditar que Renan tenha apresentado esses papéis como peça de defesa
	Tudo o que Renan tem é resultado do seu, digamos assim, trabalho.
	Os bens subfaturados do senador, coincidentemente, são sempre comprados de amigos e parentes.
	Era só o que faltava. Além de ter contas pagas por lobista de empreiteiro, o senador contou também com recursos de bicheiro...
	Talvez seja tudo uma "feliz coincidência"
	O senador Almeida Lima fez um balanço do depoimento de Gontijo: "Mostra que não houve relação incestuosa alguma". Será que o senador viu o mesmo depoimento?
	[Os senadores] autorizaram um novo padrão de conduta para os nobres do Parlamento brasileiro – o pode-tudo
	Está liberado que Renan Calheiros queira fazer negócios usando malas de dinheiro de origem desconhecida
	Certos tipos de pessoas com certos tipos de fraqueza
	E a opinião pública... E o Conselho de Ética. Que se danem. O que interessa são os "argumentos..." [propinas]
Uma dessas coincidências muito comuns em Alagoas	

Anexo 7: Capa da edição nº 21



Anexo 8: Capa da edição nº 23



Anexo 9: Capa da edição nº 25



Anexo 10: Capa da edição nº 31



Anexo 11: Capa da edição nº 37



